

A PSICANÁLISE E O TEMPO

*Júlio Eduardo de Castro**

RESUMO:

A tese básica deste artigo: o sujeito que interessa à Psicanálise (o sujeito do inconsciente) inclui, necessariamente, a função do tempo. Para defender tal proposição, passaremos por Freud e por Lacan, pinçando em suas respectivas obras algumas referências feitas, a partir da experiência psicanalítica, ao tempo como/enquanto construto/conceito apropriado e subvertido, em seu emprego usual, pela psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Tempo. Sujeito e Inconsciente.

* Júlio Eduardo de Castro é psicanalista e professor adjunto de 'Teoria, ética e clínica psicanalíticas' e membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Psicanálise (NUPEP) da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Endereço para contato: Rua São José 580 - Águas Santas Tiradentes (MG) - CEP: 36.325-000 Telefones: (32)33719456 e (32)99812835 Endereço Eletrônico: julioecastro@mgconnecta.com.br

“(...) é na urgência do movimento lógico que o sujeito precipita simultaneamente seu juízo e sua saída... a tensão do tempo inverte-se na tendência ao ato que evidencia aos outros que o sujeito conclui”.

Lacan, *Escritos*

O tempo é um tema que atravessa praticamente todas as áreas do conhecimento. Presente desde os primórdios, ele é referenciado nos saberes populares/míticos [‘O tempo não pára de passar e, uma vez passado, não retorna mais’; ‘Era uma vez...’; ‘O tempo é parente próximo da morte (thánatos) e do sono (húpnos)’] e nas metáforas poéticas (‘A vida é o fio do tempo’). Com a mesma força o tempo é tomado como objeto de teorizações científicas: o tempo astrofísico; a teoria da relatividade; o tempo histórico; a memória e o tempo; o tempo biológico; o tempo psicológico; a vivência do tempo; etc.

Todas essas referências nos atestam uma característica imanente ao tempo. Ele se fez construto e/ou conceito em tantos lugares – das ruas às cátedras –, justo porque se contar sujeito inclui necessariamente a gênese, a existência de um marco inaugural (S1) a partir do qual o sujeito começa a se contar. Para a psicanálise e para a Antropologia, o conceito de sujeito pressupõe, portanto, não somente sua localização no espaço da cultura/família, mas, ainda, a abertura de uma série temporal estabelecida por algum marco zero. Podemos, portanto, afirmar que aonde há sujeito, há alguma forma de referência ao tempo ou, em outro termos, que o tempo é inerente ao sujeito, que ele só existe em relação ao sujeito, a uma maneira de ser que lhe é intrínseca.

Contudo, se o tempo passa, com a psicanálise – mais especificamente com as teorias freudiana (sobre a memória inconsciente) e lacaniana (sobre o sujeito barrado pelo significante, \$) – aprendemos que o sujeito resiste a esta passagem, visto ser ele marcado por uma relativa coerência simbólica e estabilidade temporal. Nas identificações do sujeito ao

significante e às imagens narcísicas encontramos fortes evidências dessa resistência – ou mesmo negação – à passagem do tempo. Como nos disse Freud, no inconsciente – principalmente por influência da imagem narcísica [i(a)] – não há lugar para a crença na transitoriedade da vida (Freud, 1915a).

No campo epistemológico, a consequência imediata dessa íntima aliança entre o sujeito e o tempo é a seguinte: o tempo é um construto/conceito trans-temático. Por ele atravessar, transpassar todo e qualquer lugar em que o sujeito se encontre, ele está para-além de toda área ou segmentação do saber, ou seja, ele é antes de tudo um tema onipresente, porque subjetivo.

Consideremos então as principais referências ao tempo feitas por Freud e por Lacan.

O TEMPO EM FREUD

Por meio de uma visão panorâmica da obra de Freud, nota-se que a questão do tempo é mencionada em quatro grandes ocasiões.

Primeiramente, nos Estudos Sobre a Histeria (Freud, 1895) onde, com o conceito de a posteriori (Nachträglichkeit), procura formular uma concepção da temporalidade em sua relação com a causalidade psíquica. Para tal, nos afirma que a memória é um conjunto complexo de operações psíquicas, ilustrando tal complexidade ao contrapor o tempo inicial do trauma ao tempo do acontecimento atual que desperta o traço mnésico, criando-se assim o sintoma. Trata-se de uma causalidade em dois tempos, também encontrada no trabalho de análise quando alguma interpretação só tem seu efeito a posteriori. O novo e o antigo (o trauma e o traço mnésico, articulados na elaboração do sintoma) ao serem

contrapostos, subentende-se uma temporalidade complexa entre ambos, que afasta, pois, a idéia de uma causalidade linear dentro da concepção freudiana de história (de tempo histórico).

Freud então acentuou, desde cedo, que o sujeito modifica posteriormente os acontecimentos passados, lhes conferindo um novo sentido (eficaz ou patogênico). Na Carta a Fliess, de 06/12/1886, carta de número 52, ele afirma:

(...) Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese de que o nosso mecanismo psíquico formou-se por estratificação: o material presente sob a forma de traços de memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias – a uma retranscrição (Freud, 1896, v. I, p. 317).

Desse enunciado inferimos que toda e qualquer função do inconsciente traz em si mesma a marca do tempo: nos sonhos o conteúdo onírico manifesto remete aos pensamentos oníricos latentes, onde cada imagem nos envia a tempos e regiões diferentes e, no entanto, tornadas contemporâneas; na transferência temos a coexistência de camadas de idades diferentes (conforme a própria fórmula freudiana de ‘repetição atualizada’); nos chistes que nos enviam, pelo humor criativo, ao tempo do recalque e ao tempo de criação a partir de das Ding; e até no acting-out, quando considerado uma forma, em ato e com endereçamento, de memória. Todas estas formações são por Freud consideradas formas indiretas e atualizadas de memória inconsciente. Restou dizer do ato falho como uma intromissão da memória inconsciente, ou seja, de um outro tempo, no cotidiano do sujeito. Freud pensava, então, haver detectado em todas estas formações do inconsciente algo característico do sujeito (do inconsciente) coexistindo ao lado da consciência – o tempo passado e o tempo presente estariam, portanto, em contínuo remanejamento.

Em um segundo momento – marcado pelas elaborações tecidas em texto a partir de *O eu e o isso* (1923) – Freud afirma:

No Id não existe nada que corresponda à idéia de tempo; não há reconhecimento da passagem do tempo (...). Impulsos plenos de desejo, que jamais passaram além do Id, e também impressões, que foram mergulhadas no Id pelas repressões (sic), são virtualmente imortais, depois de passarem décadas, comportam-se como se tivessem ocorrido há pouco (Freud, 1932-1933, v. XIX p. 95).

O inconsciente, portanto, ignora a passagem do tempo, sendo o desejo inconsciente indestrutível, ou seja, localizado fora do tempo. Por este aspecto, a primeira infância é, para Freud, imortal ou, no mínimo, um tempo insuperável.

Ainda observamos que, em terceiro lugar, nos textos dedicados à pulsão, notadamente em *As pulsões e suas Vicissitudes* (Freud, 1915c), Freud nos assegura que esta implica em um ‘tempo de tensão’. Que tempo é este? Freud diz ‘tempo de tensão’ para opô-lo ao tempo do vivente biológico. A pulsão, então, fragmenta (ou subverte) o tempo do vivente, do corpo biológico. Há aí um desenvolvimento paralelo à idéia do fora do tempo do inconsciente, bem como o corolário da separação entre instinto e pulsão (tempo natural ≠ tempo pulsional).

A separação entre esses dois tempos é ainda evidente no trabalho de luto, principalmente quando considerado como elaboração a posteriori de uma experiência iniciada por uma perda real. Tempo de morte, de desinvestimento, de desenlace da memória relativa ao objeto amado e perdido, portanto (Freud, 1915d).

Um quarto momento em que Freud aborda a questão do tempo, ele o faz para dar conta de uma dificuldade que envolve a duração do tratamento. A preocupação de Freud com o tempo de duração dos tratamentos psicanalíticos está claramente exposta em *Sobre o Início do Tratamento* (Freud, 1913) e em *Análise terminável e Interminável* (Freud, 1937). Neste último texto ele afirmou que, no início de sua clínica, o seu problema era fazer com que seus pacientes ficassem, permanecessem em tratamento. Alguns anos mais tarde, a

dificuldade passou a ser fazê-los partir. Faz parte deste período o emprego da ‘técnica ativa’ (de Ferenczi) como meio de fazer evoluir, através de um aviso prévio de término dado ao paciente, algumas análises (Freud, 1914). De modo que o tempo do tratamento psicanalítico (iniciado com a indeterminação característica das entrevistas preliminares, seqüenciado pela entrada em análise – que marca um tempo – até culminar na finalização) é, para Freud, um tempo infinito, bem como um caminho sem volta, mas que pode encontrar um término que seria estrutural. Freud afirmará então que, no final da análise, chega-se à castração.

Destes quatro momentos concluímos que, mesmo o inconsciente desconhecendo o tempo, a sua existência e instituição não é de modo algum sem conseqüências para o psiquismo. Tempo que não deixa de ecoar nos processos da recordação encobridora, da repetição, da fixação, da regressão, do retorno do recalcado, etc.

O ser e sua relação com o tempo é, então, uma questão que perpassa toda a obra de Freud: nos histéricos, que sofrem de reminiscências; nos fóbicos, cujo tempo é o de evitação dos representantes da representação fóbica, que dão a dizer do sujeito e que nele despertam a angústia; nos obsessivos, cujas questões giram em torno da hora do encontro...desencontro e do cultivo da dúvida como ilusão de ‘fazer parar o tempo’, evitando assim qualquer conclusão em forma de ato (Freud, 1909); bem como na psicose, onde temos a desconstrução/desinstituição do tempo humano no absoluto (Freud, 1911).

O TEMPO EM LACAN

Nos seus primeiros seminários Lacan, a partir da leitura de Hegel, trata o tempo como sendo constitutivo da ‘ordem da palavra’. Lembremos aqui que é de Hegel o

aforismo: ‘a palavra é o assassinato da coisa’. E é aí que Lacan busca o fundamento para construir os conceitos de ‘palavra plena’ e de ‘sujeito da fala’.

Naquela época Lacan procura encontrar no ato o seu sentido de palavra: ‘um ato é uma palavra’.

Ainda em Hegel, neste mesmo período, Lacan busca fundamento para entender a atemporalidade do inconsciente freudiano. Hegel disse que ‘o conceito é o tempo da coisa’, e Lacan comenta no Seminário I:

Encontramo-nos aqui no coração do problema do que Freud avança quando diz que o inconsciente se coloca fora do tempo. É e não é verdade. Ele se coloca fora do tempo exatamente como o conceito, porque é o tempo de si mesmo, o tempo puro da coisa, e pode como tal reproduzir a coisa numa certa modulação, de que qualquer coisa pode ser o suporte material. Não se trata de outra coisa no automatismo de repetição. (...) Se efetivamente o conceito é o tempo, devemos analisar a palavra por andares, procurar os múltiplos sentidos dela entre as linhas (Lacan, 1953-1954, p. 276).

Lacan aproxima então ‘o conceito’ hegeliano do ‘inconsciente’ freudiano.

Posteriormente, com as contribuições trazidas do estruturalismo lingüístico, o sujeito da fala ganha um novo estatuto: o de sujeito do significante, que se formula como: ‘o significante é o que representa o sujeito para o outro significante’. Faz parte deste período o chamado movimento de retorno a Freud, na sua tentativa de repensar o conjunto do ensinamento freudiano na célebre fórmula: ‘o inconsciente é estruturado como uma linguagem’. Sendo o sujeito definido como um efeito do significante, Lacan afirma ser ele um “pólo de atributos” e o define assim:

Com o sujeito, portanto, não se fala. Isso fala dele, e é aí que ele se aprende, e tão mais forçosamente quanto, antes de – pelo simples fato de isso se dirigir a ele – desaparecer como sujeito sob o significante em que se transforma, ele não é absolutamente nada. Mas esse nada se sustenta por seu advento, produzido agora pelo apelo, feito no Outro, ao segundo significante. (Lacan, 1960, p. 849).

Este sujeito do significante está sempre por vir (fala no futuro), pois está projetado na contigüidade do discurso, por isto nunca se apreende como tal. Lacan, jogando com o tempo, encontra na gramática o recurso de uma forma que, por sua função dentro da língua, vai do futuro ao passado, e do passado ao futuro, indissolivelmente é o futuro chamado de anterior (ou futuro do pretérito). A fórmula 'eu terei sido' supõe germes do futuro encontrados retroativamente. Este sujeito se encontra, pois, suspenso entre 'a antecipação' e o 'a posteriori', em um tempo que Lacan chama de reversivo (ou retroversivo). Um significante que se relaciona ao sujeito chama outros significantes, e é nesta passagem de um a outro(s), ou seja, na associação de idéias que o sujeito se subentende. Portanto o analisando fala e você tenta saber o que ele queria dizer (a mensagem) no desenvolvimento logo anterior. Faz parte desse período a elaboração da expressão ponto de estofo¹, constituinte elementar do grafo do desejo que se tornará, ainda, substrato do conceito de metáfora paterna ou simplesmente Nome-do-Pai (NP).

O TEMPO E SUA RELAÇÃO COM A TRANSFERÊNCIA

Segundo Freud, sabemos que a transferência se endereça ao analista, que é este o suporte do objeto a. E não é sem interesse observar que Lacan se utiliza do mesmo termo que Freud (manejo), entretanto, ao se referir à abordagem da transferência na direção do tratamento, inclui no manejo da transferência o manejo do elemento tempo, principalmente pelo viés do desejo do psicanalista: “(...)o desejo do analista (...) é essa a última e verdadeira

¹ O 'ponto de estofo', também chamado por Lacan de 'ponto de basta', é constituído pelo cruzamento de dois vetores que vão em direções contrárias; na linha metonímica da fala chega um momento onde um significante nos possibilita dizer, retroativamente, qual era a mensagem. O 'ponto de estofo' é também a estrutura da frase e descreve todos os fenômenos temporais captados no significante. Ele, como tal, impede ainda que a significação de uma frase ou discurso deslize para o infinito da cadeia significante, circunscrevendo assim a mensagem - daí sua comparação com os sinais gramaticais de pontuação.

mola do que constitui a transferência. Eis por que a transferência é uma relação essencialmente ligada ao tempo e a seu manejo” (Lacan, 1960, p. 858).

Como entender isto?

O analista, justo por suportar ser posto na posição de semblante de objeto, ou seja, na posição de depositário (aquele que escuta), é tido como mestre da verdade – daí encontrar-se no lugar onde se decide a significação. O inconsciente, portanto, se produz do lado do analista, sendo essa uma fórmula imanente ao desejo do psicanalista e que “(...) decorre da seguinte condição, estabelecida pela doutrina: os psicanalistas fazem parte do conceito de inconsciente, posto que constituem seu destinatário”. (Ibidem, p. 848). Portanto, a significação só se produz se o analista escuta e pontua (intervém). Este intervém na produção da significação (enquanto verdade), mas não com a sugestão. Sobre esse ponto, Lacan se perguntará, em 1975 (Lacan, 1974-1975): ‘Mas como dizer a verdade sem sugerir?’

Com o ‘Discurso de Roma’ (Lacan: 1953), Lacan confere ao corte da sessão o estatuto de interpretação (juntamente com o ato e a pontuação). Em vez de interferir enunciando (portanto, sugerindo) a significação, bastaria o corte – assim que o significante aparecesse – para que a significação fosse designada (dada a conhecer). Agindo assim, com o corte, o analista deixa ao analisando a tarefa de produzir a significação. Esta se torna, então, consequência do inesperado do corte, feito sobre o surpreendente surgimento (pulsção) do significante.

Manejar o tempo em sua relação com a transferência é, então, parar o discurso do analisando (marcando um antes e um depois) em momentos considerados significativos (ou melhor, significantes), com o intuito de designar a significação: pô-lo a trabalhar em busca da significação. Estamos aqui para além do tempo do relógio, além de uma lógica cronométrica. A fundamentação do corte, Lacan a fórmula na emergência do que seria o tempo lógico. Vamos a ele.

O TEMPO LÓGICO

Em seu texto *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada* – um novo sofisma (Lacan, 1945), Lacan faz prevalecer a estrutura temporal (e não a espacial) no processo lógico, ultrapassando assim a lógica clássica (que não considerava o fator tempo).

Para Lacan, a modulação do tempo em todo e qualquer processo lógico inclui o sujeito em três escansões:

1º) – O instante de olhar (de ver... e errar): destaca-se aqui a percepção enquanto dado que escotomiza a realidade (ver aquilo que convém ao eu em função de seus preconceitos);

2º) – O tempo para compreender (também chamado de tempo de meditação ou de verificação): caracteriza-se pela marca da pressa e pelo encontro com o exterior (Outro);

3º) – O momento de concluir: caracterizado pela decisão de um julgamento que faz surgir uma nova ordem para o sujeito. Este julgamento assertivo se manifesta aqui por um ato (corte) que cria o tempo num antes e num depois, que marca um tempo para o sujeito que aí se insere, se engaja.

Observem que o sujeito em Lacan só tem a propriedade de significante – portanto de ‘representante da representação’ – na medida em que o elemento tempo [subentendido em expressões como associação de idéias (Aristóteles e Freud), cadeia, seqüência ou combinação de significantes (Linguística estrutural) e corte (Lacan)] é posto como condição lógica necessária a toda e qualquer operação simbólica do sujeito. Estava assim feita a costura da teoria freudiana sobre da memória inconsciente com a teoria lacaniana do sujeito do significante. Conseqüentemente, o tempo, em Freud e em Lacan, faz existir o sujeito.

O TEMPO E O FANTASMA

Lacan percebeu que o tempo que se abre ao sujeito do significante era infinito, e que havia algo na cadeia que não era significante, mas real, algo muito próximo da ‘coisa’ (das Ding) freudiana ou, mais ainda, da compulsão à repetição, portanto da pulsão (Trieb) em sua característica conservadora. E é a partir de 1960 que Lacan se absorve com o Real – tratado em termos de gozo (quando se refere à perversão) e de Coisa (quando se refere à ética). Em seu ensino (notadamente a partir no Seminário 11 e no texto ‘Posição do Inconsciente’) ele considera o desejo como outra coisa que não o significante, que não os efeitos de sentido que circulam no significante. O desejo é sinônimo de ‘falta-a-ser’, é, portanto, metonímico – e é função do analista fazê-lo representado e repetido no tratamento. Presentificar o desejo no tratamento é produzir no analisando um ‘tempo de alerta’ que tem por objetivo a articulação do fantasma (que pode lhe dar as coordenadas de seu desejo). Por esse aspecto, o fantasma é o que responde ao enigma do desejo, seu objeto é o desejo (Lacan, 1966-1967). De modo que fazer surgir o saber lá onde não havia saber algum (no fantasma) é um lema que caracterizou o ensino de Lacan, principalmente quando esse mesmo ensino pretendeu abordar o fenômeno do final de análise enquanto considerado para-além da castração, para-além aí nomeado de travessia do fantasma.

Não se analisa ou se transforma o fantasma como fazemos com o sintoma. Ele é um ponto de inércia (não se move). É ele que faz com que o desejo (que é metonímico) acabe voltando sempre aos mesmos traços.

Eis a fórmula do fantasma fundamental, segundo Lacan: $f = \$ \diamond a$

f – fantasma fundamental

Sendo: \$ – sujeito barrado (do significante)

 ◇ - punção (conjunção/disjunção)

a – objeto causa do desejo, mais-gozar

No fantasma – principalmente pela devida consideração dada ao objeto-causa, escrito por Lacan como letra, a, resíduo real do processo de significantização do sujeito – trata-se do tempo da Coisa (das Ding’) no aparelho psíquico. Coisa desdobrada no ensino de Lacan em termos de hiância fundamental, falta, lugar do vazio, derrelição e, finalmente, objeto-causa-do-desejo – fundamento real do sujeito (\$) e do desejo (d).

O TEMPO E O ACONTECIMENTO

Após termos examinado essas várias referências psicanalíticas ao tempo – e aí comprovado a importância do tempo na constituição do sujeito que interessa à psicanálise – encontramos um denominador comum ao pensamento de Freud e de Lacan: além de se relacionar ao sujeito, o tempo sofre influência direta do contexto, principalmente naquilo que esse contexto traz de contingencial ao sujeito – seja no âmbito pulsional ou social. E uma das contingências inevitáveis que o tempo real nos impõe diz respeito a seu caráter de transitoriedade, de passagem, de escoamento. Como diria o poeta, ‘o tempo passa, se esvai por entre os dedos da memória, que tenta retê-lo’.

Portanto, se o acontecimento tem o poder de marcar/demarkar um tempo – submetendo-o à estrutura de ficção fantasmática ou, pelo contrário, abalando-a, fazendo-a tremer – lembramo-nos aqui do movimento barroco que, na história da arte, impôs um corte, uma ruptura na arte-padrão (clássica). Realmente o barroco marca aí um tempo que ainda não esgotou seus efeitos sobre o sujeito – seja no coletivo, seja no individual.

REFERENCIAS

AURÉLIO & Outros. *Dicionário da língua portuguesa*. Versão eletrônica-digital: 2002.

FREUD, Sigmund. *Obras Completas*, Rio de Janeiro, Imago, 1980.

Estudos sobre a histeria (1895)

Carta a Fliess de número 52 (1896)

Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909)

Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia - Dementia paranoides (1911)

Sobre o Início do Tratamento (1913)

História de uma neurose infantil (1914)

Sobre a transitoriedade (1915a)

O inconsciente (1915b)

As pulsões e suas vicissitudes (1915c)

Luto e melancolia (1915d)

O eu e o isso (1923)

Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica - Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1932-1933)

Análise terminável e interminável (1937)

LACAN, J. “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada – Um novo sofisma” (1945), in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

“Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise” (1953), in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

O Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

“Posição do inconsciente” (1960-1964), in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

O Seminário 14: A lógica do fantasma (1966-1967). Versão anônima, 1981.

“Talvez em Vincennes” (1975), in *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MILLER, Jacques-Alain. *Jacques Lacan – Reseñas de enseñanza*. Buenos Aires: Manantial, 1984.

Recorrido de Lacan. Buenos Aires: Manantial, 1987.

Matemas I e II. Buenos Aires: Manantial, 1987.

Percurso de Lacan: Uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

SOLER, Colette et al. *Acto e interpretación*. Buenos Aires: Manantial, 1993.

Lacan elucidado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

O último ensino de Lacan. *Opção lacaniana*, n. 35, jan. 2005, p. 6 a 24.

SOLER, Colette. *O tempo em análise*. Texto inédito, sem data.

THE PSYCHOANALYSIS AND THE TIME

ABSTRACT:

The basic thesis of that article: the subject that interests to the Psychoanalysis (the subject of the unconscious) it includes, necessarily, the function of the time. To defend such proposition, we will go by Freud and for Lacan, looking for in its respective works some done references, starting from the experience psychoanalytic, at the time as/while appropriate and subverted construct/concept, in its usual employment, for the psychoanalysis.

KEYWORDS: Psychoanalysis. Time. Subject and Unconscious.

LA PSYCHANALYSE ET LE TEMPS

RÉSUMÉ:

La thèse de base de cet article: le sujet qui intéresse à la Psychanalyse (le sujet de l'inconscient) il inclut, nécessairement, la fonction du temps. Pour défendre cette proposition, nous passerons par Freud et pour Lacan, chercher dans ses travaux respectifs quelques références faites, commencer de l'expérience psychanalytique, à le temps comme/pendant construct/concept approprié et subverti, dans son emploi habituel, pour la psychanalyse.

MOTS-CLÉS: Psychanalyse. Temps. Sujet et Inconscient.

Recebido em 20/02/2008

Aprovado em 10/05/2008

© 2008 *Psicanálise & Barroco em revista*
Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Cultura
CEP: 36036-330 – Campus Universitário – ICH – UFJF
Juiz de Fora, MG – Brasil.
Tel.: (32)2102 3117

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista